

# A Delusão da Dualidade é a Base para Guerra

James Low

16 de outubro 2023

Quando olhamos para as notícias sobre os muitos conflitos e guerras que assolam todos os lugares do mundo é improvável que os canais da mídia nos ofereçam uma perspectiva do Dharma sobre essas tragédias. É mais provável que escutemos sobre pessoas boas e inocentes de um lado, e terroristas cruéis do outro. Quem decide quais termos se aplicam adequadamente a cada grupo? Bom, isso irá depender das fontes que escolher, e isso irá refletir suas afiliações, seus apegos, suas inclinações e seus preconceitos. Nossas próprias opiniões apaixonadas promovem os ventos quentes que assopram sobre as chamas da guerra.

Entretanto, se escolhermos uma perspectiva do Dharma, isto pode trazer uma iluminação refrescante, um meio de ver com clareza os fatores limitantes que guiam os conflitos odiosos e alimentam as consequências enganadoras dos direitos e reivindicações dos vencedores e ressentimento para os perdedores. Se a vacuidade é vista na base do agente, no objeto da ação, e no ato em si mesmo, então não há base para celebração, tampouco para retaliação ou vingança.

Devido a não-consciência da nossa base vazia, sempre-pura, sempre-disponível e aberta, nós não vemos que a presença, clareza e aparência são não-duais com a vacuidade. O que quer que ocorra é na verdade auto-surgido e auto-liberado, sem qualquer substancialidade duradoura. A lucidez disso é aberta, calma, relaxada e não-envolvida. A lucidez, ou *Rigpa* em Tibetano, é imparcial e capaz de ver todo e cada aspecto do todo. Esse é o objetivo da nossa prática: nos abrir para abertura intrínseca e então descansar, soltar as falsas identidades que nos agarramos apenas por confundirmos conceitos e aparências transitórias como entidades reais e confiáveis. Com isso, abandonamos a interferência com a natural diversidade das circunstâncias não-nascidas das quais somos parte. Despertando para o indefinido, nós vemos que as tentativas artificiais de alterar ou melhorar o que está acontecendo se dissolvem, e a sinergia do relaxamento e clareza é revelada.

Entretanto, quando não temos ciência da nossa base, de nosso solo, de nossa fonte, então o céu espaçoso da clareza se torna indisponível, e logo acabamos por nós apoiar nos padrões das nuvens sempre-mutáveis. Não possuindo existência inerente por si mesmas, as formas rarefeitas de nossas imaginações nebulosas oferecem infinitas possibilidades de interpretação. Alguns padrões de nuvens são designados

'eu', enquanto outros são designados 'outro'. Os ventos do pensamento e emoção atuam sobre essas nuvens, moldando-as e aplicando nomes e atributos identificadores. Cada 'forma de nuvem' não-apanhável parece ser apanhável quando percebida através da consciência reificante e dualizante. Nós raramente estamos conscientes de como nossa consciência funciona. Parece obvio que ser e estar consciente é apenas como somos.

Essa não-ciência da base aberta de tudo nos impede de repousar no imutável aqui e agora. Acreditando na ideia e imagem da existência, vemos a nós e aos outros como entidades, e então respondemos a essa falsa 'realidade' manifestando os três venenos básicos de opacidade mental, desejo e aversão. Estando inconscientes do potencial infinito que nunca deixamos de ser, nos agarramos às nossas perspectivas limitadas e vemos a nós mesmos e aos outros como seres definíveis com potencial restrito. "Eu não quero ser restringido, Eu preciso de mais, Eu mereço, Eu não serei frustrado, Eu estou pronto para a guerra e a conquista."

Para aqueles nascidos numa forma humana numa família dentro do samsara, seu desenvolvimento é um processo de absolver os pressupostos e preconceitos da família, escola e da cultura em geral. Esses pressupostos são nos apresentados como verdade, e aceitá-los como tal nos permite entrar em relação com outras crianças, parentes, com a mídia e outros modos de socialização. Acreditando como os outros acreditam, conseguimos pertencer. Dessa forma, acreditamos na sequência dos três tempos: passado, presente e futuro, e nos tornamos capazes de atribuir duração e localização de eventos específicos. Aprendemos quando e como nosso grupo foi atacado e por quem, e também aprendemos como congelar esses elementos dinâmicos em crenças engessadas de que aqueles que nos fizeram isso são verdadeiramente nossos inimigos. Assim o desejo e aversão rapidamente emergem dos valores que atribuímos aos outros – outros cuja substancialidade é atribuída por nossa própria delusão habitual de que a dualidade e a polaridade são as estruturas inerentes do nosso planeta.

Um evento acontece e concluímos que, "*Eles fizeram isso conosco porque são maus.*" Isso é simplista e definitivo, e nos encoraja a ignorar a situação contextual recente das provocações de ambos os lados que levaram ao evento específico. Em particular, usualmente ocorre uma desatenção intencional ao contexto histórico de antagonismos e provocações duradouras que estabeleceram o outro como o inimigo perigoso que deseja machucar a nós, inofensivos.

Com isso é fácil perceber como o ressentimento são sustentados por gerações e podem rapidamente amadurecer em conflitos manifestos e guerra quando os fatores latentes se alinham e acordam. Derrotar inimigos, fazê-los pagar pelo que fizeram, e atribuir-lhes uma maldade inerente, confirmada ao nominá-los maus, terroristas, sub-humanos, desprezáveis e assim por diante, afirma nosso direito como vítimas inocentes de bom coração a reivindicar nossa vingança justiceira. Em termos do nosso próprio grupo, nós adotamos um senso de 'merecimento' e uma crença em

nosso excepcionalismo. Isso nos permite alegar que somos inerentemente irresponsabilizáveis de acordo com as regras e padrões que justamente aplicamos aos outros.

Essa interpretação reificante, dualizante e polarizante é muito simples, e ainda assim é poderosa pela maneira que confirma a validade das categorias de merecedor e não-merecedor<sup>1</sup>. Quem deve incorporar essas categorias é o tópico central da guerra. Nossas próprias crenças errôneas dirigem os ciclos de guerra e paz, na medida em que cada pessoa, cada grupo afirma que podem perceber o verdadeiro *status* do outro.

Todas as nossas práticas do Dharma são métodos de nos liberar do esforço em manter essas atribuições errôneas e de simultaneamente liberar os outros das identidades reificadas que atribuímos a eles de modo a confortar nosso ego gerando a esperança de conhecimento verdadeiro e domínio. A calma e paz que brevemente ocorre entre períodos de conflito armado não podem promover a liberação da causa raiz de tal sofrimento samsárico. Precisamos da profunda paz intrínseca da pureza primordial da qual emergimos sem nunca nos separar.

Como um suporte diário, é muito útil memorizar as Quatro Incomensuráveis e manter sua orientação quando somos expostos a todas as crenças limitadas que nos rodeiam.

## As Quatro Incomensuráveis<sup>1</sup>

*Que todos os seres sencientes tenham felicidade e a causa da felicidade! Que eles estejam livres do sofrimento e da causa do sofrimento! Que eles nunca se separem da felicidade livre de sofrimento! Que eles permaneçam em equanimidade, livres do desejo por amigos e parentes e da aversão por inimigos e estranhos.*

Será que nós verdadeiramente desejamos o melhor para todos os seres sencientes? Precisamos usar as palavras dessas quatro aspirações para investigar qualquer crença profunda e quase indetectável relacionada a nossa própria superioridade, merecimento, e existência real. Isso é especialmente importante para os homens brancos. Se usadas corretamente, esses quatro desejos infinitos são uma estrada real para o despertar na vacuidade.

Desejar o bem para todos os seres, desejar felicidade para eles e as causas da felicidade, é desejar que eles despertem da delusão da dualidade. A raiz da felicidade já é presente em todos os seres. É sua natureza de buda inalienável. Eles e nós não temos que fazê-la, compra-la ou recebe-la de outros. No meio de nossa confusão e

---

<sup>1</sup> n.t.: James usa a palavra '*entitled*', que também pode ser traduzida por "digno, autorizado, intitulado".

perdição – muitas vezes coberta por complacência ou arrogância –, cada um de nós não está há um fio de cabelo sequer distante do lugar de nosso despertar.

Desejar a liberdade do sofrimento e da raiz do sofrimento a todos os seres sencientes é desejar a eles o verdadeiro relaxamento que vem de não mais carregar o fardo do 'eu'. A raiz do sofrimento é a crença errônea de que existimos, de que somos o ponto de referência estável para toda nossa experiência. Tendo esquecido nossa base sempre aberta, agarramos aos surgimentos internos e externos e os classificamos como eu e outro, meu e seu, e assim por diante. Abrir-se para nossa abertura intrínseca não-nascida é desfrutar da liberdade do controlar, gerenciar e adotar ou rejeitar a diversidade de experiências e aparências. Possa essa liberdade sempre-presente despertar nos corações de todos.

Desejar a felicidade livre de aborrecimentos a todos os seres é lhes desejar a felicidade livre das polaridades de feliz ou triste. Essa é a felicidade imutável que não repousar nos acontecimentos, mas é intrínseca a nossa não-dualidade com a base aberta vazia. Quando agarramos aos fantasmas gerados pela crença na dualidade, nós geramos nosso próprio obscurecimento. Possam todos os seres se libertar de todas as visões errôneas.

Desejar que todos os seres sencientes possam repousar na grande equanimidade livre de enviesamentos a favor de amigos e contra inimigos, é desejar que eles possam repousar no Darmadhatu, o espaço tudo-envolvente no qual todos os fenômenos são iguais em sua ausência de existência inerente. Equanimidade não é homogeneização. Os detalhes precisos de cada surgimento são vistos como eles são – no entanto sem o véu de reificação que os toma como entidades verdadeiramente existentes. Todos os seres e fenômenos na verdade são não-nascidos. Nós desejamos que todos os seres possam ver isso diretamente. Esse desejo é para todos sem preferências. É uma expressão da bondade todo-pervasiva que não possui objetos especiais de interesse.

**O Dhammapada** tem muitos versos sábios que nos ajudam a focar na análise das delusões que acreditamos no lugar de projetar a culpa nos outros. Aqui há uma seleção de versos para nos ajudar a refletir sobre quão simples é para nós defender nossa própria posição egóica.

## Extratos do Dhammapada<sup>2</sup>

### Capítulo 1. Os Pares

1. A mente é a precursora de toda experiência. A mente é a sua dirigente e elas são feitas pela mente. Se alguém fala ou age com uma mente impura, então a miséria se seguirá, assim como a roda segue o casco do boi.

2. A mente é a precursora de toda experiência. A mente é a sua dirigente e elas são feitas pela mente. Se com uma mente pura alguém fala e age, então a felicidade o segue como uma sombra inseparável.
3. "Ele me abusou, ele me bateu, ele me derrotou, ele me roubou." A raiva daqueles que abrigam tais pensamentos não é apaziguada.
4. "Ele me abusou, ele me bateu, ele me derrotou, ele me roubou." A raiva daqueles que não abrigam tais pensamentos é apaziguada.
5. Neste mundo o ódio nunca é pacificado pelo ódio. É pela ausência de ódio que o ódio é pacificado. Essa é a verdade ancestral.
6. Algumas pessoas não sabem que somos todos hóspedes neste mundo. Aqueles que se lembram disso deixam suas brigas se resolverem.

## Capítulo 10. Violência

129. Todos os seres temem a violência, todos têm medo da morte. Sabendo que isto é verdade em si mesmo, não se deve bater nem matar os outros.
130. A vida é estimada para todos os seres e todos têm medo da morte. Vendo que os outros são como você mesmo, não se deve espancá-los nem matá-los.
131. Uma pessoa que busca a felicidade para si, mas age violentamente com outros seres que buscam a felicidade, não encontrará a felicidade após a morte.
132. Uma pessoa que busca a felicidade para si e que não age violentamente com outros seres que buscam a felicidade, encontrará a felicidade após a morte.
133. Não fale duramente com ninguém. Se assim fizer, as pessoas responderão a você como você falou com elas. Palavras duras são dolorosas e sua retaliação irá machucar você.
134. Se você se silenciar como um gongo quebrado, nenhum conflito surgirá para você e você terá acesso ao nirvana.
135. Usando seu cajado, o pastor conduz o gado para o pasto. Da mesma forma, aqueles que estão apegados a esta vida são conduzidos ao seu fim e enfrentam a velhice e a morte.
136. O tolo não reconhece que suas atividades são más. O idiota é atormentado por seus próprios atos como se queimado pelo fogo.
137. Aqueles que são violentos sem razão, prejudicando aqueles que não provocam, encontrarão em breve um dos dez resultados:
138. Dor intensa, desastre, lesões físicas, doença grave, problemas mentais,
139. Problemas com o rei, acusações graves, luto e despojamento, perda de riqueza ou

140. Bens destruídos pelo fogo. Com a morte do corpo, aqueles que não têm clareza vão para os reinos do inferno.

## Capítulo 12. Self

165. Não se deve negligenciar o próprio bem-estar em prol do bem-estar, por melhor que seja, de outra pessoa. Se alguém compreendeu como aumentar o próprio bem-estar, então esse bem-estar será a preocupação suprema.

## Capítulo 15. Felicidade

197. Vivendo sem inimizade entre aqueles que odeiam, vivemos muito felizes, livres dessa doença entre os que odeiam.
201. A vitória cria inimigos. A derrota torna as pessoas miseráveis. Abandonando a vitória e a derrota, viveremos felizes em paz.

## Capítulo 17. Raiva

221. Renunciando à raiva e renunciando ao orgulho, deve-se libertar completamente de tudo à que se está fixado. O sofrimento não atinge quem não se apega ao nome e à forma e que não deseja absolutamente nada.
222. Eu digo que alguém que consegue examinar sua raiva crescente assim como um piloto examina seu carro de corrida é um verdadeiro piloto. O resto está apenas segurando a direção.
223. A ausência de raiva irá superar a fúria. A bondade irá superar o mal. A generosidade irá superar a mesquinhez. A verdade irá superar a mentira.
224. Fale a verdade e não fique com raiva. Mesmo que se tenha muito pouco, deve-se dar algo sempre que solicitado. Com estes três entraremos na presença dos deuses.
225. Os sábios não causam danos aos outros e são sempre moderados no corpo. Eles vão para o estado imutável onde não há miséria.
226. Despertos dia e noite, treinando continuamente e totalmente comprometidos com o nirvana, eles põem fim a todas as impurezas contaminantes.
227. Atula, o seguinte é verdade não apenas hoje, também foi verdade no passado. Aqueles que ficam em silêncio são criticados por isso. Quem fala muito é criticado por isso. Quem fala pouco é criticado por isso. Não há ninguém neste mundo que não seja criticado.
228. Nunca houve, nunca haverá, e nem há agora, uma pessoa que é somente culpada ou somente elogiada.

229. Aqueles cuja fé, moralidade e inteligência não-oscilante foram observadas e prezadas de maneira cotidiana são elogiados pelos sábios.
230. Quem poderia encontrar falhas em tal pessoa? Elas são como uma moeda de outro refinado. Elas são elogiadas pelos deuses e até Brahma, o chefe dos deuses, oferecem-lhes louvor.
231. Proteja-se contra a raiva no corpo. O corpo deve ser moderado. Deixando de causar danos com seu corpo, deve-se utilizá-lo para fazer o bem.
232. Proteja-se contra a raiva na fala. A fala deve ser moderada. Deixando de causar danos com a fala, deve-se usá-la para fazer o bem.
233. Proteja-se contra a raiva na mente. A mente deve ser moderada. Deixando de causar danos com a mente, deve-se usá-la para fazer o bem.
234. Os firmes são moderados no corpo e também na fala. Os firmes são moderados na mente. Eles são perfeitamente moderados.

## Capítulo 20. O Caminho

277. “Tudo que é composto é impermanente”. Quando isto é visto com verdadeiro discernimento, não se será afligido pelo sofrimento. Este é o caminho puro.
278. “Tudo que é composto é sofrimento”. Quando isto é visto com verdadeiro discernimento, não se será afligido pelo sofrimento. Este é o caminho puro.
279. “Todos os fenômenos não possuem existência inerente”. Quando isto é visto com verdadeiro discernimento, não se será afligido pelo sofrimento. Este é o caminho puro.

## Capítulo 24. Desejo / Ânsia

348. Solte o passado, solte o futuro, solte o presente e vá além do vir-a-ser. Liberte sua mente de tudo e você não será levado ao nascimento e morte no futuro.

A visão Mahayana da retribuição cármica é outro método efetivo de perceber como nossos hábitos de auto-centramento nos cegam para as consequências dos nossos atos. Todos aqueles que diminuem os outros, batem nos outros, aprisionam os outros, torturam e matam os outros estão sofrendo da mesma delusão de que temos apenas uma vida e que se ganharmos poder e controle suficientes, poderemos fazer o que quisermos e nos dar bem com isso. O texto, ***Roda de Armas Afiadas***, aponta para a inevitabilidade das consequências dos nossos atos. Essas consequências cármicas não são uma punição por sermos maus. Ninguém está fazendo isso conosco. Consequências cármicas são simplesmente os efeitos das crenças errôneas levado a atividade imbuída dos venenos raiz. Com a obtusidade mental, tomamos a nós mesmos e outros por reais e separados. A consequência inevitável disso é que julgamos aquilo que encontramos como sendo bom ou ruim e então procuramos

maximizar o bom tomando-o como nosso e minimizando o ruim tomando-o como a qualidade dos outros. A raiz de toda essa confusão é a não-presença. Não há nenhum ser senciente existente que seja inerentemente bom ou inerentemente ruim.

Não há como escapar do poder do carma, não importa que crenças fantasiosas sustentemos do contrário. Aqui estão alguns versos para se refletir:

## A roda de Armas Afiadas:<sup>3</sup> Extratos

*A causa de nosso revolver impotentemente no samsara é nossa própria adesão ao nosso senso de ser quem somos, esse servo do demoníaco Mara. Nós devemos nos liberar completamente da atitude de desejar apenas nosso próprio benefício e felicidade e então alegremente e entusiasticamente nos empenhar para benefício de outros.*

*Ser dirigido pela força do carma e sempre experienciar as aflições, isso é o sofrimento partilhado por todos os seres. Eu, que aprecio a felicidade, tomarei as dores deles sobre mim. Se o hábito da preocupação pelo meu próprio bem-estar se manter comigo, de maneira a interromper isso eu irei oferecer toda minha felicidade a todos os seres. Dessa maneira, sempre que fomos perturbados por aqueles a nossa volta, devemos nos encorajar a ser pacientes, lembrando que essa situação é o resultado de nossas próprias ações perturbadas.*

*Quando todos agirem contra nós, isso é porque previamente não ficamos preocupados que nossas ações e as de outros fossem vergonhosas e agora a arma afiada dessas más ações se voltam contra nós. De agora em diante iremos evitar os comportamentos impróprios.*

(Leitura alternativa:)

*Anteriormente não nos incomodamos que nossas ações e aquelas dos outros fossem vergonhosas. Agora, a arma afiada dessas más ações se volta em nossa direção, então todas as pessoas agem contra nós. Desse momento em diante iremos nos afastar do comportamento impróprio.*

*Quando estamos impotentes e somos forçados a vaguear afora, isso é porque previamente expulsamos gurus e outros de suas moradas e agora a arma afiada dessas más ações se volta em nossa direção. Desse momento em diante, não iremos mais expulsar ninguém de seus próprios lugares.*

(Leitura alternativa:)

*Anteriormente expulsamos gurus e outros de suas moradas. Agora a arma afiada dessas más ações se volta em nossa direção, e então ficamos impotentes e somos forçados a vaguear agora. Desse momento em diante nós nunca iremos expulsar ninguém de seus lugares.*

*Quando, não importa o que façamos, ainda somos perturbados pela raiva e pelo desejo, isso é porque previamente nos incitamos aqueles que já eram rudes e perversos e agora a arma afiada dessas más ações se volta em nossa direção. Desse momento em diante nós iremos eliminar completamente toda grosseria contra outros.*

(Leitura alternativa:)

*Anteriormente incitamos aqueles que eram rudes e cruéis. Agora a arma afiada dessas más ações se volta em nossa direção, e não importa o que façamos, ainda somos perturbados pela raiva e desejo. Desse momento em diante nós iremos eliminar completamente toda grosseria na direção de outros.*

དེ་ལྟར་ལགས་པས་དག་པོ་བདག་གིས་ཟིན།

<b>DE TAR</b>	<b>LAG PAE</b>	<b>DRA WO</b>	<b>DA GI</b>	<b>ZIN</b>
<i>assim</i>	<i>é e logo</i>	<i>inimigo,</i>	<i>por mim</i>	<i>reconhecer e segurar</i>
		<i>ego-apreciação</i>		

Desta forma, eu chego ao reconhecimento do meu inimigo.

འཇབས་ནས་བསྐྱབ་པའི་ཚཱ་ཀུན་བདག་གིས་ཟིན།

<b>JAB</b>	<b>NAE LU WAI</b>	<b>CHOM KUN</b>	<b>DAG GI</b>	<b>ZIN</b>
<i>disfarce,</i>	<i>desde enganar</i>	<i>ladrão</i>	<i>por mim</i>	<i>reconhecer</i>
<i>camuflagem</i>				<i>e segurar</i>

Eu reconheço esse ladrão disfarçado que me trapaceia.

རང་དུ་བརྩམ་ནས་བསྐྱབ་བ་བདག་གིས་ཟིན།

<b>RANG DU</b>	<b>DZU</b>	<b>NAE LU WA</b>	<b>DA GI</b>	<b>ZIN</b>
<i>self</i>	<i>como</i>	<i>impersonar</i>	<i>desde enganar*</i>	<i>por mim</i>
				<i>reconhecer e segurar</i>

\* O ego pegajoso finge que sou eu; ele diz: “Eu sou” e “Este sou eu”. Mas na verdade é meu inimigo, a fonte de todos os meus problemas.

Eu reconheço esse trapaceiro que se passa por mim.

ཨི་མ་བདག་འཇིན་འདི་ཡིན་ཐེ་ཚཱ་གཙོད།

<b>E MA</b>	<b>DAG DZIN</b>	<b>DI YIN</b>	<b>THE TSOM</b>	<b>CHOE</b>
<i>Incrível</i>	<i>auto-apegado</i>	<i>este é</i>	<i>dúvida#</i>	<i>cortar</i>
	<i>(acreditar fortemente em ‘Eu’ e ‘meu’)</i>			

# Todas as dúvidas que surgem por acreditar que sou um ego ou uma entidade vulnerável que requer proteção e tratamento especial. Agora o ego pegajoso não recebe mais apoio da minha mente, pois ele é visto claramente como a fonte de todos os meus problemas.

Fantástico! Eliminei todas as dúvidas sobre a verdade d’esse self-apreendido!

*Desta forma, reconheço meu inimigo. Reconheço esse ladrão disfarçado que me engana. Reconheço esse trapaceiro que se passa por mim. Incrível! Eliminei todas as dúvidas sobre a verdade desse self-apreendido!*

Na tradição Mahayana estudamos as Duas Verdades, a verdade relativa e a verdade absoluta. A verdade relativa se refere a como nossa experiência é deludida quando não estamos cientes da verdade absoluta da claridade ilimitada. Quando a

simplicidade de como é torna-se indisponível para nós por nossas próprias obscuridades, imaginamos que os muitos tipos de experiência que temos são reais. Isso é o cenário da verdade relativa – imaginamos algo como sendo o caso quando não é o caso.

Nosso mundo, incluindo aquilo que tomamos por ser nós mesmos, é impermanente e incerto. É imaginado e não atual. Porque aquilo que experienciamos é apenas imaginado, não oferece certeza verdadeira. O nível impuro da verdade relativa ou ficcional surge quando nossas crenças são imbuídas dos venenos raiz. A verdade pura relativa ocorre quando não mais sucumbimos aos venenos raiz e nossas crenças se tornam menos reificantes, então começamos a apreciar a verdade da vacuidade de todos os fenômenos. A verdade absoluta é revelada quando não mais nos apoiamos nas crenças, mas repousamos na claridade não-conceitual.

Enquanto estamos imersos na verdade relativa impura, a instabilidade de nossa situação permite que muitas interpretações diferentes e contraditórias surjam. Podemos tentar estabelecer os fatos e encontrar a verdade do que está acontecendo, mas é difícil estabelecer ‘fatos’ livres de opiniões. Essa dificuldade é intensificada em tempos de guerra quando a propaganda, o controle midiático e a mentira intencional estão por toda parte. Como temos no ditado: “*A primeira vítima da guerra é a verdade*”. Devido a teia de mentiras distribuídas há uma ansiedade e incerteza com uma intensificação das esperanças e medos, trazendo mais e mais tristeza.

Se você deseja entender essas dinâmicas, você pode se beneficiar lendo [O Poder Curativo da Vacuidade<sup>4</sup>](#) e *Instruções na Visão Mahayana que Esclarece as Duas Verdades*, de Patrul Rinpoche, que é o Capítulo 7 de **Simply Being**.

Se praticarmos nos reconhecer não-duais com Padmasambava, iremos experimentar a natureza ilusória de nossas identidades cotidianas, tanto aquelas em que acreditamos quanto aquelas que nos são atribuídas. Isso dissolve a construção errônea de ‘eu’ da qual os três venenos fluem. Com isso não mais temos a base para os julgamentos e preconceitos que alimentam o impulso para guerra. Ademais, em se vendo que todos os seres já estão sempre presentes na mandala de Padmasambava, não há base para usar a diversidade de sua manifestação como uma causa para gostar ou não-gostar.

Mais diretamente, com a Guru Yoga do A branco, nos fluímos para além da constrição da crença em entidades existentes e relaxamos na fluidez de desfrutar da ludicidade auto-surgida e auto-liberada das experiências que não deixam marcas na pureza primordial da presença.

Não importando as atividades cruéis ou gentis que percebamos, confie que repousar na abertura da lucidez livre de tomar partidos é a resposta ética mais pura. Essa ausência de viés é por si mesma um gesto sem esforço de convite e inclusão a todos que encontramos, porque nem confirmamos nem desconfirmamos as crenças que

sustentam, mas permitimos que fiquem suspensos no ar como nuvens e arco-íris insubstanciais. Se permanecermos abertos e disponíveis para essas manifestações diversas de aparências ilusórias, então nossa não-reatividade permite que a natureza não-nascida se manifeste como tal, e desde essa profunda não-dualidade nós somos livres de adotar ou rejeitar, e podemos vir a enxergar como isso é simples como isso é.

---

<sup>1</sup> *This is It* [James Low, (Simply Being, London, 2020) ISBN 9783-0-9569239-7-4]

<sup>2</sup> *Finding Freedom* [James Low, (Wandel Verlag, Berlin, 2019) ISBN 978-3-942380-27-0]

<sup>3</sup> *Finding Freedom* [James Low, (Wandel Verlag, Berlin, 2019) ISBN 978-3-942380-27-0]

<sup>4</sup> <https://simplybeing.co.uk/texts/the-healing-power-of-emptiness-tallinn-2013-2/>

\* *Por favor, ler: Me First* [James Low, (Simply Being, London, 2021) ISBN 978-0-9569239-8-1]

*Tradução por Mário César Rodrigues*

*Revisão por João Vale Neto*